



Nietzsche: da metafísica do sujeito à afirmação do corpo

Francisco de Souza Dantas Muniz Cerantola¹

Resumo: O tema deste trabalho é uma possível noção de subjetividade em Nietzsche, o que se desdobra em dois momentos. No primeiro apresentamos a crítica de Nietzsche ao sujeito metafísico que promove uma cisão entre corpo e alma (ou espírito, consciência, razão, eu); sendo Platão e Descartes dois dos principais representantes dessa tendência que atravessou séculos. Para além dessa ruptura do vivente, a metafísica do sujeito também desvaloriza o corpo, entendido como cárcere, um outro em relação ao Eu, ao passo que hipervaloriza a alma, a única que possibilitaria o acesso à verdade. No segundo momento exploramos a proposta nietzschiana de sujeito, que toma o corpo como princípio e fio condutor. Nietzsche promove uma abertura da interpretação do vivente ao afirmá-lo enquanto corpo, sendo este um campo de embate de impulsos em cambiantes hierarquias sempre provisórias a partir do qual se constitui a vida. Deste modo, qualquer ideia de subjetividade reduzida à racionalidade ou espiritualidade cai de seu pedestal e passa a significar um mero instrumento, brinquedo do corpo, pequena razão. Concluímos que Nietzsche rompe com a tradição ocidental da subjetividade, para criar sua própria concepção, agora pautada no corpo, na fisiopsicologia, numa tentativa, bem lograda, de propor uma filosofia contrametafísica, que diz sim à vida, ao devir, ao inconcebível e que não empobrece a realidade em simples dualismos.

Palavras-chave: Nietzsche. Subjetividade. Metafísica. Corpo.

Abstract: The theme of this work is subjectivity in Nietzsche, which unfolds in two moments. In the first, we present Nietzsche's critique of the metaphysical subject that promotes a split between body and soul (or spirit, consciousness, reason, Self); with Plato and Descartes as two of the main representatives of this tendency that has spanned centuries. Beyond this rupture of the living being, the metaphysics of the subject also devalues the body, understood as a prison, as an other in relation to the Self, while overvaluing the soul, the only one that would enable access to truth. In the second moment, we explore the Nietzschean proposal of the subject, which takes the body as its principle and guiding thread. Nietzsche opens the interpretation of the living by affirming it as body, which is a field of struggle of impulses in ever-changing and provisional hierarchies from which life is constituted. Thus, any idea of subjectivity reduced to rationality or spirituality falls from its pedestal and comes to signify a mere instrument, a toy of the body, a little reason. We conclude that Nietzsche breaks with the Western tradition of subjectivity to create his own conception, now based on the body, on physiopsychology, in a well-achieved attempt to propose a counter-metaphysical philosophy that says yes to life, to becoming, to the inconceivable, and that does not impoverish reality into simple dualisms.

Keywords: Nietzsche. Subjectivity. Metaphysics. Body.

1 Minibiografia: O autor é bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), advogado e atualmente é aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UEL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0053-9017>, E-mail: fransouzadantas@gmail.com. Endereço: Rua Alagoas 1690, apto. 903, Centro, Londrina (PR).

INTRODUÇÃO²

De pensar nisso, eu até estremecia; o que estremecia em mim: terreno do corpo, onde está a raiz da alma.

João Guimarães Rosa in Grande Sertão: Veredas

O tema deste trabalho é uma possível subjetividade em Nietzsche, o que abrange dois momentos: sua crítica da metafísica do sujeito e a afirmação do corpo. Tenciono analisar esses argumentos do filósofo para tratar de sua concepção de sujeito: um crítico (crítica da metafísica do sujeito) e outro propositivo (afirmação do corpo). Deste modo, num primeiro momento será investigada a crítica que Nietzsche dirige contra o que ele entende por *metafísica do sujeito*, representada aqui, sobretudo, por Sócrates e Descartes, para então, num segundo momento, pesquisar uma proposta de sujeito nietzschiana, que tem o corpo e sua dinâmica de impulsos como ponto de partida e fio condutor.

O tema aqui tratado reflete o conjunto da obra de Nietzsche e insere-se no seu projeto de uma nova aurora para a filosofia. Partindo da crítica da metafísica do sujeito que o filósofo teceu sua crítica à própria metafísica, pois é a partir do sujeito, diz Nietzsche, que todas as demais substâncias são forjadas. O Eu é a lente através da qual o vivente passa a mal interpretar o mundo, a negá-lo, difamá-lo, diminuir sua pluralidade. Do mesmo modo, a afirmação do *corpo* integra sua proposta contrametafísica de mundo, que se volta à aparência, ao sensorial, mostrando-se avessa a qualquer pretensa profundidade oculta e transcendental das coisas. Finalmente, o tema aqui examinado elucida também a metodologia genealógica, pois, como se verá, Nietzsche traça a genealogia do Eu e do corpo, que não deixam dialogar com a própria origem da moral e do conhecimento.

Tencionamos, portanto, no prisma conceitual da subjetividade, esboçar a linha argumentativa que une indissociavelmente dois temas riquíssimos da filosofia de Nietzsche: não só um estudo do Eu e do corpo, mas uma análise de como se dá essa *passagem*, essa virada que depois se torna uma influência decisiva para toda a filosofia vindoura.

1 CRÍTICA NIETZSCHIANA DA METAFÍSICA DO SUJEITO

O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme em sobre um rio?

João Guimarães Rosa in Grande Sertão: Veredas

2 A reflexão de Nietzsche acerca da subjetividade, especialmente sua crítica ao sujeito moderno e sua noção de corpo, perpassa boa parte da obra do filósofo. Evidentemente, há variações importantes nessas noções conforme o período e a obra analisada, que não são aqui contempladas em sua integralidade, dada a brevidade e o objetivo do trabalho, que se propõe um caráter mais introdutório do que exaustivo ou específico de um determinado momento dos escritos de Nietzsche.

Antes da metafísica do sujeito, metafísica ela mesma é para Nietzsche o dualismo recorrente através do qual a complexidade do mundo é reduzida e transviada para ultramundos fictícios. Assim, a “crença fundamental dos metafísicos é a crença nas oposições de valores” (BM, 2), sendo a metafísica “a ciência que trata dos erros fundamentais do homem, mas como se fossem verdades fundamentais” (HH I, 18).

Ainda mais medular que o dualismo encontra-se a violenta *necessidade de unidade* do metafísico, denominada por Nietzsche de atomismo, caracterizado por uma identidade a si e perenidade. A esse respeito, P. Wotling (Apud Benoit, 2011, p. 451) escreve: “Há metafísica [para Nietzsche] quando se aprova [...] a necessidade irrepreensível de reconduzir a riqueza e a multiplicidade do real para a unidade”. O arrebatador e inapreensível do mundo é apequenado em uma unidade uniforme, perene, estável. Em *Humano, demasiado humano* encontramos a caricatura dessa necessidade nas palavras ironizadas de um “lógico eminente”, que afirmaria:

A originária lei universal do sujeito cognoscente consiste na necessidade interior de reconhecer cada objeto em si, em sua própria essência, como um objeto idêntico a si mesmo, portanto existente por si mesmo e, no fundo, *sempre igual e imutável*, em suma, como uma substância (HH I, 18, grifo nosso).

Substância é um dos conceitos basilares do pensamento ocidental, que etimologicamente pode significar estar embaixo (*substare*), ficar parado (*standhalten*) e imobilidade ou essência (*hypostasis*), isto é, figuras da fixidez e do permanecer-idêntico. Portanto, este conceito alicerça a unidade e mesmidade do ente, que permanece em si mesmo justamente ao se demarcar e se afirmar em relação ao resto do mundo, percebido como *o outro* (Han, 2019). A substancialidade funda barreiras, edifica fronteiras estanques no conjunto do real. É, antes de mais nada, um fechamento, um tornar-idêntico e tornar-fixo (*sempre igual e imutável*), o que Nietzsche considera uma crença que herdamos das plantas e demais “organismos primitivos”: “Para uma planta, todas as coisas são normalmente quietas, eternas, cada coisa igual a si mesma” (HH I, 18).

Metafísica em Nietzsche, portanto, é esta necessidade de simplificar, de reduzir, de mumificar a complexidade do devir numa unidade que por vezes opera dualmente, a exemplo de corpo e alma, mundo e ultramundo, razão e sensível, bem e mal, belo e feio, etc. O metafísico é este ser medroso e covarde; temeroso de ser arrebatado pela singularidade e *impermanência* do real, inventa substâncias, identidades, fixação, unidades com as quais empobrece a vida. Contudo, a mesmidade é a contrafigura da possibilidade do *vir-a-ser*, do tornar-se, da abertura do ser humano ao mundo. A necessidade de unidade nasce como necessidade fisiológica, a partir do deparar-se com a inquietante desordem impensável do real. O metafísico precisa, deste modo, de um alento, de uma tábua de salvação no mar agitado do caos – a encontra na unidade, no atomismo.

Quanto à *metafísica do sujeito*, Nietzsche é, antes de mais nada, avesso a qualquer interpretação do humano que privilegie aspectos espirituais, racionais ou conscientes em detrimento do sensível (De Barrenechea, 2012); que imagine esses aspectos como substancialmente distintos do corpo e superiores a ele. Para o filósofo, todo conceito de subjetividade fechado que opere dualmente em relação ao corpo é fictício: “Nem existe ‘espírito’, nem razão, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade: são ficções inutilizáveis” (FP 1885, 14[122])³.

A crítica de Nietzsche encontra no cogito cartesiano um alvo privilegiado. Em suas *Meditações*, Descartes, a partir da constatação de que há pensamento, conclui apressadamente (certeza imediata) a existência de um sujeito que é sua causa absoluta. Como se todo pensar, querer e sentir procedesse do Eu. Nietzsche questiona essa suposta autoevidência do cogito; para o filósofo alemão, Descartes é um desses “ingênuos observadores de si mesmos que acreditam existir ‘certezas imediatas; por exemplo, ‘eu penso’” (BM, 16).

Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche critica esse tipo de raciocínio nos seguintes termos:

[...] um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; de modo que é um falseamento da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’. Isso pensa: mas que este ‘isso’ seja precisamente o velho e decantado ‘eu’ é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, uma afirmação, e certamente não uma ‘certeza imediata’ (BM, 17).

Nietzsche nega a existência do “eu” como causa unívoca do pensar; não é o sujeito enquanto unidade que determina soberanamente o pensamento. Em sentido diverso, “isso pensa” (*Es denkt*): em nota da tradução para o português de *Além do bem e do mal*⁴, o tradutor Paulo César de Souza explica a complexidade e polissemia da partícula alemã *es*. Ela tem uma infinidade de usos; pode substituir, numa frase, tanto sujeito quanto objeto, além de eventualmente equivaler ao pronome neutro ou sujeito indefinido. Em geral, a partícula confere o sentido de *impessoalidade* e *indeterminação*, o que é de extrema importância para compreender a crítica de Nietzsche. Com “isso pensa” o filósofo aponta para uma dimensão infraconsciente do pensar, de maneira a enfatizar a não-onipotência do intelecto no processo do pensamento. A “realidade efetiva” (BM, 17) que está envolvida na ação de pensar é infinitamente mais multiforme que a “palavrinha eu”. O autor de Zaratustra, no mesmo aforismo, faz ainda um contraponto para dizer que mesmo o “isso pensa” é errôneo, inexato, uma interpretação do processo e não o processo mesmo, na medida em que continua a pressupor relações de causa (isso) e efeito (pensar), às quais Nietzsche é avesso. Continua, portanto, preso na crença na relação de causalidade.

3 As traduções da edição espanhola dirigida por Diego Sánchez Meca (Madri: Tecnos, 2008) são de minha responsabilidade.

4 Nota 49, p. 205, *In*: NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Não à toa, Nietzsche defende que o sujeito enquanto unidade primordial – circunscrita, estável e dominada – é a origem não só de todas as demais substâncias⁵, mas inclusive da própria relação de causalidade. Ou seja, a crítica ao Eu é uma noção primordial em Nietzsche, pois determinante na genealogia dos principais conceitos metafísicos, os quais destruir é um dos grandes projetos do filósofo. Nas palavras do autor:

[o humano] extraiu a noção de ser da noção de Eu, pondo as “coisas” como existentes à sua imagem, conforme sua noção do Eu como causa. É de admirar que depois encontrasse, nas coisas, apenas o *que havia nelas colocado?* – A coisa mesma, repetindo, a noção de coisa, apenas um reflexo da crença no Eu como causa... (CI, Os quatro grandes erros, 3).

O vivente deposita, portanto, s(eu)s preconceitos e invencionices no mundo, vê o mundo à sua imagem, forjada por ele mesmo, antropocentricamente. A noção de sujeito é o núcleo, a base fundamental a partir da qual o humano compreende o mundo. Tomando esta noção, tão enraizada e constitutiva, que o ocidente se estrutura, pois ela é a base mesma da noção de ser.

O filósofo alemão contesta a redução que a noção de sujeito faz de toda a pluralidade de estados e pulsões que percorrem um vivente. A unidade morta do Eu esconde a multiplicidade de pulsões em constante batalha que percorrem o si-corporal⁶. “Sujeito é a ficção, como se os numerosos estados *idênticos* em nós fossem o efeito de *um* substrato: mas nós inicialmente *criamos* a ‘identidade’ desses estados” (FP 10[19], 1887). Isto é, como se as inúmeras pulsões para as quais inventamos os nomes felicidade, paixão, querer, não querer, medo, ódio, fora aquelas para as quais faltam nomes – proviessem todas da mesma causa, do mesmo centro de comando, do mesmo Eu. Porém, todo tornar-idêntico empobrece o real. Nietzsche quer dizer que, assim como o sujeito é ficção, também é invencionice qualquer estado como unidade idêntica em todo e qualquer vivente. Esses estados são múltiplos, como o são a fisiopsicologia de cada distinto si-corporal, nos diferentes momentos de sua vida.

Nietzsche denuncia igualmente o que ele entende estar por trás, subjacente e fortemente atuante, na metafísica do sujeito. Valendo-se de sua genealogia, o filósofo inquire quais as *origens* do sujeito metafísico enquanto valor, para então refletir, tendo a vida como critério, qual o *valor* de uma tal valoração. Esta origem encontra-se na vontade de tornar-fixo e tornar-idêntico, do desespero de agarrar uma mesmidade inventada para assim se proteger e também negar o devir. Como afirma Fink (1998, p. 176), o vivente não suporta “viver no oceano agitado do puro devir [...] o devir é para nós o que é inconcebível, aquilo que dá vertigem ao espírito e o arrasta num turbilhão em que o assalta a vertigem anunciadora do mundo”, donde nasce a falsificação do real como “necessidade biológica”. É o intelecto que

5 “O conceito de *substância* uma consequência do conceito de *sujeito*: não o contrário! Se abandonamos a alma, o ‘sujeito’, falta o pressuposto para uma substância em geral.” (FP 10[19], 1887).

6 Termo de Blaise Benoit.

produz tais invenções empobrecedoras da vida, ele o faz enquanto instrumento de corpos “mais fracos, menos robustos, aos quais não é dado travar a luta pela existência com chifres ou presas agudas de animais de rapina” (VM, 1). Por conseguinte, o medo do metafísico frente ao arrebatamento do vir-a-ser provoca um fechamento ao acontecimento, ao outro e, portanto, ao próprio mundo.

Esta é, em linhas gerais, uma apresentação da crítica da metafísica do sujeito para o filósofo alemão. Visto o que o sujeito *não é*, no próximo tópico apresentamos uma proposta nietzschiana do vivente que *há* no mundo, isto é, o tornar-se do corpo.

2 UMA NOÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM NIETZSCHE: O CORPO COMO FIO CONDUTOR

Eu vivia com o meu bom corpo.

Alguém há de achar algum regime melhor?

João Guimarães Rosa in Grande Sertão: Veredas

Delineada a crítica da metafísica do sujeito, passamos para uma proposta nietzschiana de subjetividade, a qual tem o corpo como ponto de partida e fio condutor:

Tomar o corpo como ponto de partida e fazer dele o fio condutor, eis o essencial. O corpo é um fenômeno mas rico que autoriza observações mais claras. A crença no corpo é bem melhor estabelecida do que a crença no espírito (FP 1885, 40[15]).

Pensar o sujeito a partir do corpo é – como o conjunto da filosofia nietzschiana – um projeto contrametafísico. Corpo, aqui, não é entendido numa perspectiva de redução biológica, nem dualmente em relação ao espírito (ou qualquer outra interpretação do humano que enfatize aspectos racionais ou conscientes – alma, eu, razão, consciência etc.) mas sim como multiplicidade fisiopsicológica. Esse termo, *fisiopsicologia*, cunhado por Nietzsche, já dá a entender *continuidade* entre corpo e espírito, em oposição ao pensamento precedente, que os entendia como substâncias distintas, de natureza desigual e mesmo antagônica. Não há, portanto, ruptura entre corpo e espírito, isso porque inexiste diferença de “essência”⁷, de natureza entre eles. Não se trata, portanto, de inverter o dualismo, mas de transvalorá-lo através da redescoberta do corpo.

Todavia, em que pese a continuidade, o corpo vem, por assim dizer, antes do espírito; é donde *brot*a o espírito, sendo mais originário que ele. Corpo é o fenômeno que descortina a profusão de vir-a-ser do ser humano e conduz a um conhecimento mais clarividente. A interpretação do filósofo da suspeita toma o corpo como campo de um jogo plural de forças afetivas, instintivas, de impulsos. Corpo é o “conjunto de metamorfoses de configurações

7 Usamos aspas pois, no pensamento de Nietzsche, é sobretudo a noção de essência que é posta em xeque.

pulsionais incessantemente em reorganização" (BENOIT, 2011, p. 454), ou seja, o palco da luta de pulsões em tensão onde qualquer hierarquia é frágil, provisória.

O corpo descortina-se então como o campo de batalha de forças, sempre em conflito. Corpo é ali onde nada é, mas tudo *se torna*; onde o estático ser murcha e seca para então desabrochar o *vir-a-ser*. Nele reina a impermanência, a cambiante tensão de impulsos, devir, que leva a arranjos e rearranjos nas relações de poder entre as forças. Na cosmovisão e na antropologia nietzschiana nada permanece, pois, "O que é não se *torna*; o que se torna não é" (CI, III, A razão na filosofia, 1).

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche transvalora a concepção tradicional que despreza o corpo e ufana-se da alma nos seguintes termos:

"Eu sou corpo *e* alma" – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como criança?

Mas o homem já desperto, o sabedor, diz: "Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo".

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.

Instrumento do teu corpo e, também, a tua pequena razão, meu irmão, a qual chamas "espírito", pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão (...) (ZA I, Dos desprezadores do corpo, grifo nosso).

A crença no sujeito constituído de corpo *e* alma, enquanto substâncias distintas, diz Nietzsche, é uma ingenuidade de crianças. A partícula "e" aqui é essencial no que Nietzsche denuncia, pois ela desvela a radical separação que perpassa uma parte da história da filosofia. Para os ingênuos filósofos-criança, corpo e alma formam mais uma dessas unidades duais, enquanto opostos imiscíveis. Mais ainda: o *um*, o espírito, é o herói na história do pensamento, enquanto o *outro*, o corpo, é o vilão, que se vale de artimanhas e corrupções para desviar o herói de sua bela busca pela verdade. O que a concepção de Nietzsche sobre o sujeito tem de grande é poder, ao mesmo tempo, inverter o dualismo porém sem recair novamente no dualismo. Em sua concepção de sujeito, o corpo tem um lugar de primazia; o que *há* é o corpo: "Eu sou todo corpo e nada além disso", sendo "alma" apenas uma palavra para uma parte *do* corpo, e não uma essência *no* corpo, logo algo que não lhe escapa, que não é de outra natureza.

O autor, nesta passagem, brinca com a palavra *razão*, valendo-se de uma estratégia argumentativa característica de sua transvaloração dos valores, que consiste em se apropriar das palavras do adversário, de capturá-las e ressignificá-las, só que para promover outros valores, valores opostos, afirmadores da vida. De tal forma que o corpo, o qual sempre foi visto como irracional e corruptor torna-se então a grande razão, ao passo que o espírito se torna

uma pequena razão, subordinada ao corpo, que aparece depois dele, que é produzida por ele. Mero brinquedo e instrumento do corpo.

O espírito ou consciência é um instrumento e brinquedo do corpo na medida em que um afeto surge *no corpo*, de maneira fundamentalmente inacessível, insondável para o vivente. Então, após e somente após esse surgimento, a consciência percebe a perturbação fisiopsicológica e tenta capturar, compreender, justificar, aprisionar o afeto em conceitos, o que é feito a partir de demandas do próprio corpo e através de palavras e razão. Determinados estados do corpo comandam para qual direção o espírito vai, como ele joga, o que não poderia ser diferente uma vez que espírito também é corpo. Para um determinado si-corporal com sua variável constelação de relações de poder entre diferentes afetos corresponde um Eu. O corpo fabrica o Eu que lhe corresponde naquele dado momento; o primeiro reflete o segundo: “Eu’ dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu.” (ZA, I, Dos desprezadores do corpo). A racionalidade vem, *a posteriori*, para justificar, *encontrar as razões* para decisões já tomadas de antemão por instâncias do corpo que escapam fundamentalmente ao Eu, que o dominam. Este vem apaziguar, adornar também, um tal ou qual vir-a-ser, uma possibilidade aberta corporalmente.

Nesse sentido, Nietzsche afirma que a tradição filosófica que o precedeu não poderia ter surgido senão de *corpos doentes*; os quais, por sua vez, empurraram, compeliram o espírito para determinada filosofia. Só filósofos atrofiados e decadentes poderiam ter pensado – porquanto todo pensamento advém justamente do corpo – o corpóreo como cárcere, corruptor, amaldiçoando-o de todas as formas. Nas palavras do autor alemão:

[...] sabemos agora para onde o *corpo* doente, com sua necessidade, inconscientemente empurra, impele, atrai o espírito – para sol, sossego, brandura, paciência, remédio, bálsamo em todo e qualquer sentido. Toda filosofia que põe a paz acima da guerra, toda ética que apreende negativamente o conceito de felicidade, toda metafísica e física que conhece um *finale*, um estado final de qualquer espécie, todo anseio predominantemente estético ou religioso por um Além, Ao-lado, Acima, Fora, permitem perguntar se não foi a doença que inspirou o filósofo. O inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto da objetividade, da ideia, da pura espiritualidade, vai tão longe que assusta (GC, Prólogo, 2).

O pensamento desses filósofos, apesar de disfarçados com o “manto da objetividade”, da racionalidade, diz Nietzsche, é reflexo de necessidades de um corpo que se degenera; suas filosofias não dizem nada sobre a “verdade”, mas são indicações, sintomas eloquentes do corpo: “do seu êxito ou fracasso, de sua plenitude, potência, soberania na história, ou então de suas inibições, fadigas, pobreza, de seu pressentimento do fim, da sua vontade de fim (GC, Prólogo, 2). Uma vez que o ser humano é “todo corpo e nada além disso”, quem deseja

afastar-se do corpo, abandoná-lo, não pode querer senão o nada; e para assim querer, deve já estar voltado ao próprio nada.

Destarte, a filosofia é, na visão nietzschiana, essa translocação de um estado de saúde ou doença, de uma guerra ou harmonia provisória de forças, cujo palco é o corpo, para o espírito. No espírito, enquanto instrumento e brinquedo, são parcamente capturados, em forma de signos comunicáveis, o cambiante mosaico de forças atuantes no corpo: “Ele [o filósofo] *não pode* senão transpor seu estado, a cada vez, para a mais espiritual forma ou distância – precisamente esta arte da transfiguração é filosofia” (GC, Prólogo, 3).

A partir do si-corporal que ora delineamos, Nietzsche propõe toda uma *economia do corpo*, no sentido próprio da palavra, enquanto *nomos*: norma, organização, coordenação; da *oikos*: casa, moradia – que aqui é o corpo. Ou seja, uma coordenação do corpo. Isto é, chama atenção para a importância basilar do regramento das coisas diretamente ligadas ao corpo: lugar, clima, distração, repouso e, talvez acima de tudo, a alimentação. “[...] interessa-me uma questão da qual depende mais a ‘salvação da humanidade’ do que qualquer curiosidade de teólogos: a questão da *alimentação*” (EH, Por que sou tão inteligente, 1). Nem Deus, nem imortalidade da alma, nem salvação; antes, a alimentação, que não deve ser entendida unicamente como nutrientes adquiridos dos alimentos, embora esse aspecto seja fundamental, mas tudo o que efetivamente chega ao vivente: os valores que norteiam sua vida, a formação, a cultura, os livros. É curioso que, ao falar deste tema, Nietzsche intercala lado a lado, como *tipos* de alimentação – no caso, uma má – a leitura de Schopenhauer e sopa antes das refeições. Por mais diferentes que sejam essas fontes, ambas são *incorporadas*, indiferenciadamente.

O autor traduz a primazia da alimentação numa questão: “como *você* deve alimentar-se para alcançar seu máximo de força, de *virtù* no estilo da Renascença, de virtude livre de moralina” (EH, Por que sou tão inteligente, 1). A pergunta formulada dessa maneira nos faz interpretar que os impulsos atuantes no corpo dialogam também com a alimentação. Tudo o que alimenta o corpo – ou a sua falta – é importante na dinâmica pulsional que nele age. Ademais, o destaque na frase que o autor confere à palavra *você* indica que não há uma regra universal, uma prescrição global válida indistintamente para todas as pessoas. Ao contrário, essa dieta que impulsiona ou não a força livre da moral é própria de cada um, a partir de sua fisiopsicologia. Mais ainda: é própria para cada um dos momentos da sua história. Em vista desta economia do corpo, Nietzsche exorta:

Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres – no qual também os músculos não festejem. Todos os preconceitos vêm das vísceras. – A vida sedentária – já o disse antes – eis o verdadeiro *pecado* contra o santo espírito (EH, Por que sou tão inteligente, 1).

De maneira diametralmente contrária ao corpo de Descartes, que, por assim dizer, não pensa, em Nietzsche pensamento e músculos festejam ou decaem juntos. Um “bom pensamento”, forte e afirmador, depende, está estreitamente vinculado a essa economia corporal. Se

é o corpo que produz o pensamento e o Eu, *como, aonde, em que condições* o corpo se encontra é determinante para o pensar e a constituição da subjetividade. Não à toa que Nietzsche, ao longo de sua vida, buscou residência em lugares com características rigorosamente selecionadas, a exemplo de sua instalação em Sils Maria, onde concebeu várias de suas obras.

Em suma, a noção de subjetividade em Nietzsche que aqui delineamos compreende o corpo enquanto uma dinâmica cambiante de configurações pulsionais em tensão, sempre instáveis e impermanentes, as quais criam este ou aquele Eu enquanto um instrumento e brinquedo. O espírito, uma coisa no corpo, é sempre sintoma do si-corporal.

CONCLUSÃO

Em Nietzsche, o sujeito da tradição metafísica não é um princípio, mas uma ficção. Sua soberania na causação do pensamento, da vontade, do agir, é destruída a golpes de martelo. Por conseguinte, o filósofo alemão resgata o mundo de empobrecimentos transcendentais para reconduzi-lo ao devir, ao impermanente, ao caótico, inapreensível, à multiplicidade do real. Após o dismantelamento do sujeito, Nietzsche apresenta uma outra proposta para o vivente que há no mundo, a qual toma o corpo como ponto de partida e faz dele o fio condutor. Essa perspectiva rompe com uma tradição dualista, pois é corpo é entendido em toda sua complexidade fisiopsicológica, não separado, portanto, do espírito.

Interpretamos a noção de corpo em Nietzsche como um todo cambiante de metamorfoses de frágeis hierarquias estabelecidas sempre provisoriamente entre diversos impulsos que o atravessam. Ora um domina, ora outro, nunca definitivamente. Cada uma dessas constelações pulsionais, sempre em devir, forja um correspondente Eu. O que há no corpo é devir, tornar-se, vir-a-ser e jamais um ser estanque que se delimita e se mumifica enquanto substância. Após essa transvaloração, o espírito resta como um brinquedo e instrumento do corpo, o que quer dizer que coisas como afeto, decisão, pensamento, vontade, surgem fundamentalmente no corpo e, num outro momento, o espírito entra em cena para justificá-los, inventar razões, dar algum sentido e compreensibilidade para aquilo que nos é sinistro pois devir inapreensível.

Finalmente, a travessia que aqui empreendemos, seguindo os passos de Nietzsche, do vale sombrio da metafísica do sujeito para o vasto e diverso horizonte do corpo, contribui para que a filosofia adote uma outra perspectiva que não as amarras metafísicas desprezadas do corpo e do mundo.

REFERÊNCIAS

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche: corpo e subjetividade*. O Percevejo Online, [S. l.], v. 3, n. 2, 2012.

BENOIT, Blaise. Nietzsche e a crítica da metafísica do sujeito: por um “si corporal?” In: MARTINS, André et al. *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

- FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Tradução de Joaquim L. Peixoto. Lisboa: Presença, 1988.
- HAN, Byung-Chul. *Filosofia do zen-budismo*. Tradução de Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: volumen IV (1885-1889)*. 2. ed. Dir. Diego Sánchez Meca. Madrid: Tecnos, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Artigo Submetido em 11/09/2025 e aprovado em 21/09/2025

Breves informações sobre o autor: É bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), advogado e atualmente é aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UEL.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0053-9017>

E-mail: fransouzadantas@gmail.com

Endereço: Rua Alagoas 1690, apto. 903, Centro, Londrina (PR)

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Adilson Felicio Feiler, Paulo Becher Junior